

Comunicação como metáfora

Entrevista com Thomas Arthur Bauer

Entrevista com Thomas Arthur Bauer (<http://www.thomasbauer.at/>), professor e pesquisador do Instituto de Estudos de Mídia e Comunicação, da Universidade de Viena – Áustria. É presidente da *Association for OKTO*; editor-chefe da *Descripto*; presidente da Sociedade Europeia de Educação e Comunicação / Associação Europeia para a Educação e Comunicação (ESEC); presidente da Sociedade Austríaca para a Educação e Comunicação (OEG: BK), curador da Sociedade de Pedagogia e Informação (GPI); e presidente da *Austrian-American Film Association (AAFA)*.

Entrevista realizada por Diogo Azoubel.

Alicerçada na discussão da comunicação no contexto do indivíduo e da cultura, a conferência realizada pelo professor Thomas A. Bauer na Universidade de Sorocaba (Uniso) fomentou discussões sobre os motivos que levam os pesquisadores a pensarem como pensam. Longe de positivar argumentos, o encontro com investigadores brasileiros estimulou o debate sobre as formas pelas quais comunicação e sociedade se relacionam. Denominada *Mediality – Observing Communication beyond media structures* (ou “Medialidade – Observando as estruturas de Comunicação além das mídias”, em tradução livre), a Conferência foi marcada, entre outros pontos, pela observação da observação. Pois, para Bauer, “a mídia não é apenas um conjunto de aparatos tecnológicos (digitais ou não), mas um sistema em vários níveis que nos permite ‘conhecer’ o mundo por meio do que é veiculado. Trata-se, portanto, da problematização das práticas vigentes para não repetir o que já se sabe. Ciência não é isso, é a busca pelo fim do caminho que conhecemos. Quando não sabemos mais, é aí que começamos a fazê-la”.



Thomas Arthur Bauer

Tríade : Como a comunicação é pensada na sua produção acadêmica?

Thomas Arthur Bauer: A comunicação é um termo amplo que ajuda a explicar as nossas vidas. Em qualquer lugar é possível perceber isso. Por exemplo, se algo faz sucesso isso é resultado da comunicação. Da mesma forma, se algo falha, falha diante de uma comunicação equivocada. Assim, a comunicação é a chave que nos permite entender o que dizer, o que fazer, o que ver e os significados dessas ações. Ela nos ajuda a visualizar como fazer isso e a efetivamente realizar o que desejamos realizar. Falar sobre comunicação é uma forma de interpretar a sociedade, a existência humana e, mais do que isso, os regimes de sociabilidade para que se possa entender a si mesmo e ao outro. Isso só vai ser possível se eu estiver em contato, me comunicando, trocando com outras pessoas e com o meio que me circunda.

Tríade: Você disse durante a conferência que a comunicação não é um assunto, mas um conceito. Como podemos compreender esse seu ponto de vista?

T.A.B: Na ciência nós temos muitos assunto, falamos sobre a cidade, sobre a arquitetura etc.. Nessa perspectiva, a ciência nos ajuda a observar o mundo. No caso da comunicação, da sociedade, da religião, da cultura, os conceitos se inserem em nós mesmos, não vêm de fora. Trata-se da forma como percebemos o mundo ao nosso redor. É justamente por isso que nós podemos perceber a comunicação como o resultado de como nós a observamos. Por exemplo, a sociedade e a mudança cultural não são passíveis de observação como fenômenos isolados, mas conceitos que nós conhecemos acerca de tais questões. A mudança social é uma necessidade, não há sociedade que não mude e isso nos permite entender o porquê da comunicação pensada não como assunto, mas como conceito.

Tríade: Seguindo essa linha de raciocínio, você disse que a comunicação é uma metáfora para a vida em sociedade. Em um outro momento da conferência você afirmou que “fazer ciência é produzir o complexo”. Podemos tratar mais dessa questão?

T.A.B: Essa é realmente uma boa pergunta. A ciência é um nível de comunicação no qual são organizadas as interpretações do porquê nós estamos falando da comunicação como



Comunicação como metáfora

fazemos agora. Por que nós a utilizamos dessa maneira? Por que entendemos a mídia como a entendemos? Assim, a ciência nos permite estar em um patamar no qual é possível refletir sobre o que acontece a nossa volta todos os dias de nossas vidas. A ciência tem o privilégio de produzir complexidades cotidianas baseadas na prática social. Toda essa complexidade e dúvidas que surgem quando outras delas são respondidas nos provocam nos fazer avançar. Por isso comunicação e sociedade são metáforas complexas e os cientistas tentam metaforizar a complexidade do que cada coisa significa para o outro e o que isso tem a ver comigo, seja como pessoa ou como sociedade. Em outras palavras, a ciência é o ponto no qual interpretações do mundo se cruzam em um desafio constante de desenvolver soluções para as questões que se apresentam, saídas. Esse é o diferencial da ciência.

Tríade: Então, nós precisamos mudar os rumos da formação de novos comunicólogos, por exemplo? Como nós podemos fazer isso?

T.A.B: Certamente. São muitos os fatores que devem ser considerados. O primeiro indica que a ciência, e especialmente a ciência da comunicação, precisa ser livre das pressões da economia. Em seguida, a ciência precisa ser libertada da pressão pelo sucesso. A ciência não precisa ter sucesso no que toca ao dia-a-dia, porque teorizar como um cientista é romper com as rotinas do pensamento cotidiano: é preciso quebrar as rotinas. De maneira complementar, rompendo com essa lógica nós passamos a um novo nível de observação, um nível no qual é possível perceber o porquê nós não conseguimos nos entender enquanto indivíduos, como no caso das religiões. Qual a complexidade de uma questão tão básica como essa? Para responder a essa pergunta nós precisamos encontrar saídas para driblar estruturas rígidas. É justamente isso que a ciência precisa sustentar: reduzir diferenças ao produzir cada vez mais complexidade, não no sentido do que seremos amanhã, mas expressando o que somos aqui e agora, especialmente nas ciências Sociais e Humanas, porque nessas ciências não se observam coisas imutáveis, mas mudanças que nos provocam para que alteremos as formas de olhar o que observamos.



Thomas Arthur Bauer

Tríade: Fazer jornalismo é, ao menos em tese, ser capaz de lidar com diferentes realidades, culturas, hábitos, rotinas produtivas, reflexivas e convicções. Nessa perspectiva, não é complexo estar livre das pressões que a economia exerce, especialmente em países como o Brasil?

T.A.B: Esse é o dilema das ciências Sociais e Humanas, pois elas precisam estar abertas às mudanças ao mesmo tempo em que nós somos cobrados para alcançar o sucesso dentro das organizações e mesmo da sociedade. Seja na economia, na política, na educação, não importa, o dilema deve ser confrontado epistemologicamente: como nós fazemos ciência para desafiar a sociedade a mudar e também desafiar o conhecimento servir como instrumental para o desenvolvimento social? A sociedade por si mesma tenta todos os mesmos métodos para resolver problemas diferentes sem perceber que questões diferentes prescindem de posicionamentos diferentes. Do contrário, as mesmas respostas estarão sempre direcionadas aos mesmos problemas. A isso que me refiro quando falo de rotinas. Qual é o meu medo de fazer diferente, de mudar? Voltando ao exemplo das religiões, é preciso estar disposto, novas palavras, novos rituais, novas formas de perceber o outro e o mundo, de interpretar a nossa relação com o(s) outro(s) que chamamos de deus(es).

Tríade: Precisamos de novas palavras ou conhecer novas palavras?

T.A.B. – Nós precisamos de uma outra linguagem para tratar do assunto.

Tríade: Pergunto por estar em um país que reúne o grande número de cristãos e onde falar do Candomblé, por exemplo, nem sempre é tarefa fácil.

T.A.B: Entender a importância de várias formas de acreditar em algo é estar aberto à percepção de que outras crenças são possíveis e igualmente importantes. São outras linguagens, linguagens religiosas ou não. Buscar o intercultural ou o transcultural não pode ser um obstáculo para que eu viva a minha religião. Ao contrário, isso fortalece o meu direito de escolher no que acreditar diante das possibilidades que se apresentam, caminhos que se abrem. Eu penso que nós precisamos encontrar saídas na ciência da comunicação para tratar da diversidade, alternativas que demonstrem que nós estamos juntos por sermos diferentes,



Comunicação como metáfora

que precisamos um do outro por conta dessas diferenças. Esse é o maior desafio ético que devemos debater no jornalismo e nas vertentes da comunicação.

Tríade: Você pensa que é possível viver esse desafio da mudança na base educacional dos sujeitos?

T.A.B: Sim. É justamente isso que nós devemos fazer. Talvez eu não tenha dito claramente, mas eu acredito que nós devemos estar aptos às mudanças comunicacionais da vida em sociedade, trabalhar as nossas habilidades. Afinal, há muitas grandes universidades ensinando como fazer jornalismo, mas não como efetivamente se comunicar no dia-a-dia. Essa medialidade que debatemos durante a conferência representa a necessidade de investirmos não na formação de profissionais, mas de pessoas com competências para lidar com as experiências midiáticas na vida em sociedade.

Tríade: Mas como ser capaz de lidar com tecnologias que eu não ainda conheço?

T.A.B: A tecnologia é sempre a expressão dos desejos sociais e elas acompanham as necessidades dos sujeitos, inclusive de sociabilidade. Por isso, desenvolver mais as competências culturais em vez das tecnológicas é o caminho. Por exemplo, estamos desenvolvendo um projeto com profissionais de três países vizinhos que são bastante diferentes no que toca à cultura, religião e política. O que estamos tentando é estabelecer relações de medialidade entre essas três nações. Não se trata de ensinar o outro, mas de desenvolver com ele formas de usar a comunicação para que possamos compreender uns aos outros integrando minoridades e diferenças de orientação sexual, étnicas etc., pois a diversidade é o gatilho.

Tríade: Especialmente sobre as diferenças de orientação sexual, quais os desafios para que se possa enxergar o outro como a mim mesmo?

T.A.B: Eu acredito que discutir essa questão em países como o Brasil é um grande avanço em direção à mudança no comportamento das pessoas. Isso porque nós precisamos



Thomas Arthur Bauer

mudar, encontrar maneiras de fazê-lo se quisermos viver juntos. Estamos no momento de fomentar mudanças sociais partindo, primeiramente, de nós mesmos. São duas possibilidades, viver como sou ou como os outros desejam que eu seja e essa escolha é pessoal, mas reflete no mundo ao meu redor. Meu futuro não é só meu, mas da sociedade da qual faço parte sendo que só eu perco ao buscar caminhos para tentar me encaixar nos padrões dominantes sem que esse seja verdadeiramente o meu desejo.

Tríade: Muito obrigado por vir e por compartilhar conosco um pouco das suas ideias. Sempre que possível venha nos visitar e, uma vez mais, bem-vindo ao Brasil.

T.A.B.: Eu espero que sim. Muito obrigado.